

Índice

Homens e mulheres necessitam-se mutuamente.....	1
Morre Roger Scruton, explorador do sagrado	2
Um ano de Bolsonaro.....	2
“El vuelo del águila”	4
“Uma Vida Escondida”	4

Homens e mulheres necessitam-se mutuamente

Depois de anos a exercer como neuropsiquiatra infantil e psicoterapeuta de adultos e casais, Mariolina Ceriotti Migliarese condensou grande parte da sua experiência em duas obras nas quais tenta explicar a sua visão da mulher e do homem: “Erótica y materna” (Rialp, 2018) e “Masculino: Fuerza, eros, ternura” (Rialp, 2019). Considera-os como diferentes, cada um deles capaz de um contributo específico que o outro necessita.

A autora esteve em Madrid no mês de dezembro passado a participar, juntamente com o filósofo Higinio Marín, no colóquio do 50.º aniversário da “Aceprensa”, sob o título “Mujer y varón. Hacia una filosofía de la complementariedad”. Nessa altura, conversámos com ela.

— *Numa sociedade onde a inclusão é tão importante, faz sentido centrar-se nas diferenças?*

— Considero que, por vezes, pode ser incómodo aprofundar as diferenças; mas para estar bem, cada pessoa necessita de entender quem é. Todos nós nascemos com um corpo que nos define como mulheres ou como homens e temos de aprender a descobrir a nossa especificidade. A possibilidade de estarmos bem juntos acontece quando cada um se aceita e descobre o que pode dar ao outro. Há algo que o homem não

tem e que necessita da mulher, e o inverso sucede igualmente.

— *Por que razão considera necessária uma nova reflexão sobre este tema?*

— Nunca houve tanta igualdade entre homens e mulheres como hoje e, no entanto, nunca estivemos tão em confronto. Por isso, aumenta o número de divórcios e, inclusivamente, o de pessoas homossexuais, porque as mulheres estão com as mulheres e entendem-se entre elas, e com os homens passa-se o mesmo.

— *Qual pode ser a causa desse confronto se ter agudizado nos últimos anos?*

— Penso que, na realidade, nunca houve muito entendimento. O que se passa é que antes, as mulheres estavam dependentes economicamente dos homens, e o sexo estava vinculado à maternidade. Agora que não temos de estar caladas, o problema de fundo veio à luz do dia.

— *Para lá de papéis sociais e fossos salariais, onde acha que reside a diferença entre mulheres e homens?*

— A diferença é de natureza ontológica, porque a natureza humana é sexuada, não é neutra. Nascemos com a condição masculina ou feminina; do nosso corpo partem todas as nossas sensações e isso configura o modo de entender tudo. A distinção dos corpos masculino e feminino fala-nos também da diversidade no momento de perceber o mundo: os homens,

através das emoções fortes e rápidas, e as mulheres de um modo difuso de início, mas muito mais profundo no final.

Tudo o que digo é graças ao feminismo, pois acho que, quando se fala de diferenças, a primeira coisa a fazer é recordar aos homens que valem o mesmo.

— *Diria que os estereótipos clássicos associados aos dois sexos têm algo de certo?*

— Podemos pensar que, em geral, as mulheres são sensíveis e os homens prepotentes, mas, na minha opinião, estes estereótipos são simplistas. É errado basear a diferença em papéis e funções sociais. Ou falar da personalidade dos “homens” e das “mulheres” como um todo. As características que se associam a uns e outros mudam com os tempos e dependem de muitos fatores: onde a pessoa nasceu, a sua história, a cultura do seu país... De facto, há homens mais sensíveis do que muitas mulheres.

C. G. H.

Morre Roger Scruton, explorador do sagrado

Educado e cortês (“Aceprensa”, 12.9.2016), [Roger Scruton](#) (1944-2020), falecido a 12 de janeiro deste ano, aos 75 anos, não se desprendia do seu cavalheirismo nem quando se metia na trincheira para disparar contra o politicamente correto. E, embora implacável ao avaliar os resultados dos [arautos da pós-modernidade](#), não se pode interpretar a sua obra unicamente do ponto de vista político.

Pertencia, certamente, a essa exímia estirpe conservadora que consegue irmanar intuição e compromisso pragmático para defender a liberdade e as instituições que recolhem o fruto histórico da sabedoria coletiva. Não ficou incomodado na sua defesa do senso comum, embora os fanáticos que restringem a liberdade de expressão o tivessem obrigado a deixar o ensino e, no ano passado, o governo de Theresa May tenha cancelado a sua atividade como assessor governativo devido a supostas declarações racistas.

Mas a sua importância excede o âmbito da milícia política. Este *gentleman* genuíno, autor de várias óperas e apaixonado musicólogo, combateu com a mesma agressividade a vulgaridade cultural presente nos nossos dias e o relativismo do qual nascia. Foi a Paris dos anos 60 do século passado que, no seu caso, o despertou do “sono dogmático”: convenceu-se de que a luta contra a ordem repressiva ameaçava destruir igualmente o legado da alta cultura. Algo descrente e pessi-

mista sobre o possível progresso moral e estético do homem, Roger Scruton deplorou as consequências perversas do igualitarismo, ridicularizando até ao extremo o utopismo ideológico.

Nomeado sir pela Rainha Isabel II, [reivindicou o amor](#) em tempos de confusão sexual; o requinte, num contexto de prosaica grosseria, e a verdade, num momento de cegueira ideológica. Teve a ousadia de se insurgir, reiterando que nem o cuidado para com o meio ambiente natural, nem o que se deve ter com os [animais](#) são património da esquerda, mas genuínos valores conservadores. E contra os que propõem dissolver a [essência humana](#) num atalho de convencionalismos, observou que há dimensões do homem irrenunciáveis, apesar da diversidade das suas concreções.

Além dos seus ensaios sobre a cultura ou o vinho, “[The Soul of the World](#)” talvez seja o seu livro mais original. Se, na batalha política, os seus oponentes são os pós-modernos, na dissensão filosófica, o cientificismo e o consequencialismo constituem os seus adversários principais. No primeiro caso, Scruton refere que existe um âmbito para lá do das causas que a ciência aborda: o do sentido, que dá razão, por exemplo, das humanidades e do pensamento religioso. Por outro lado, considera que o recurso ao cálculo dos efeitos não é coerente com a dimensão pessoal presente em qualquer ação moral.

Deste ponto de vista, não seria exagerado afirmar que o sagrado, entendido como aquela região na qual se pode descobrir o sentido, constituiu a sua principal obsessão e o tema que estabelece a ligação do Scruton político com o filósofo prestigiado. O conservadorismo foi um modo de defender os valores perenes da cultura, contra a obstinação destrutiva do progressismo. Mas também a sua obra filosófica, no campo estético, apresentava a [beleza](#) como um fenómeno difícil de definir, mas do qual dependia a cultura da humanidade. Afirmou que, sem ela, sem cultura, em última análise, o mundo perderia o seu encanto espiritual.

J. C.

Um ano de Bolsonaro

No dia 1 de janeiro passado, fez um ano o governo de Jair Bolsonaro. Não foi um ano qualquer, mas um período de mudança radical de direção. O Brasil passa por uma alteração de época política, que parece ser um novo capítulo da sua história.

Desde 1930, com o presidente Getúlio Vargas, e mais tarde, após a tomada do poder pelos militares em 1964, a política brasileira foi marcada pelo intervencionismo na economia e na vida social.

Quando a ditadura militar caiu na década de 1980, a esquerda passou a exibir o monopólio político. Já não havia partidos de direita, mas somente esquerda radical e esquerda social-democrata (como o Partido dos Trabalhadores, de Lula). Promessas não cumpridas, corrupção institucionalizada e o fortalecimento do crime organizado decepcionaram a população, que não via outra alternativa a não ser votar em partidos com nomes diferentes, mas que apoiavam as mesmas políticas de esquerda.

Para além disso, estes partidos defendiam ideologias hostis aos valores morais e religiosos da população. A maior parte dos brasileiros é constituída por cristãos ([86.8%](#)) e muitos deles, conservadores. Igualmente, a imposição do *politicamente correto* na educação e no debate público chocava com o carácter direto e relaxado do brasileiro, para quem não é natural a rigidez dessas regras implícitas, especialmente quando são contrárias às suas convicções.

Em resumo, os governos de esquerda incomodavam muita gente, tanto pelos maus resultados na economia e na segurança pública, como pela ideologia que promoviam. E, neste contexto, Bolsonaro anunciou a sua candidatura à presidência. Desde o princípio, adotou um discurso liberal na economia (não visto desde 1930) e conservador nos costumes populares (não visto desde 1980).

Criticava os políticos antigos e aquilo que designou pela *velha política*. Prometeu construir um governo sem negociar cargos com outros partidos. Usou uma linguagem direta, adornada com a defesa dos valores cristãos e politicamente incorreta.

Para os analistas e a elite cultural do Brasil, maioritariamente de esquerda e acostumada ao jogo político tradicional, a sua eleição parecia uma loucura. Para a maior parte da população, todavia, parecia uma esperança, algo novo que finalmente poderia ser o ponto de viragem na história do Brasil.

Bolsonaro tinha três pontos fortes na sua campanha: renovar as políticas públicas de educação e cultura; instaurar uma economia liberal; e trazer segurança à população. Enquanto os dois últimos pontos tiveram avanços significativos, o primeiro não conta com dados de mudança objetivos.

Embora o presidente cite constantemente Deus nas suas declarações, não houve incentivos a programas no quadro cultural cristão. De modo semelhante, prometeu valorizar a família e adotar um modelo de educação que, nas suas palavras, não fosse *socialista* (que não seguisse o construtivismo de Paulo Freire). No entanto, pouco foi feito a este respeito.

Em contrapartida, na economia houve avanços claros. A reforma das pensões, [aprovada em outubro](#) (“Aceprensa”,

1.11.2019), vai envolver uma poupança equivalente a 141 000 milhões de euros nos próximos dez anos. Este foi o primeiro passo do ministro da Economia, Paulo Guedes, para mudar o sistema económico brasileiro, baseado no Estado, para outro baseado na iniciativa do indivíduo.

De facto, com a reforma das pensões e outras medidas, Guedes conseguiu baixar a taxa de juro pública de 6,5 % em janeiro para 4,5 % em dezembro, um mínimo histórico. Isso vai constituir uma poupança equivalente a 15 300 milhões de euros para os cofres públicos nos próximos anos.

Bolsonaro e Guedes pretendem que seja difícil para os investidores deixarem o seu dinheiro parado com o Estado a juros altos e que, pelo contrário, seja fácil conseguir crédito de bancos privados para fazer investimentos na economia, com juros baixos (como abrir empresas, construir edifícios, etc.).

Com estas medidas, esperam colocar o empreendedor em primeiro plano, com geração de empregos e capitalização da economia pela iniciativa privada. O resultado do programa já se nota: em 2019, foram criados quase um milhão de empregos, o que levou a que fosse reduzida um pouco a alta taxa de desemprego.

Segundo Guedes, os próximos passos são fazer uma reforma fiscal e uma reforma administrativa para diminuir o peso do Estado sobre a sociedade.

Em janeiro de 2019, o ministro da Justiça, Sérgio Moro – um dos principais juizes da operação Lava Jato – propôs ao Parlamento um conjunto de medidas para facilitar a luta contra a corrupção e o crime organizado. Embora a proposta não tenha sido aprovada até ao final do ano e nem todas as medidas tenham sido aceites pelo Parlamento, a maior parte da reforma avançou.

Além disso, Moro conseguiu transferir chefes de organizações criminosas que estavam em presídios comuns, para outros de máxima segurança, em Brasília. Assim, foram colocados longe das organizações que dirigiam mesmo estando na prisão.

Com medidas como a integração das polícias do Brasil e a criação de centros de segurança de fronteira, o índice de homicídios caiu 22 %. Em quatro cidades onde Moro experimenta um modelo novo de combate ao crime, chamado programa *Em Frente Brasil*, os homicídios caíram 44 %.

Segundo [estatísticas](#) da Secretaria Nacional de Segurança Pública (Sinesp), até novembro de 2019, foram confiscadas 98 toneladas de cocaína, mais 25 % do que em todo o ano de 2018. Até agosto do ano passado, os roubos de automóveis caíram 25,5 % comparativamente ao mesmo período de 2018.

Outro ponto importante é o avanço na infraestrutura de transportes. O comércio do Brasil sofre com as dificuldades de transferência de mercadorias, que depende totalmente de camiões e estradas, algumas não asfaltadas. Em 2019, estradas que estavam em construção desde há décadas foram

finalmente concluídas, como a BR163, que liga a costa norte amazônica ao sul do Brasil.

Já a política ambiental de Bolsonaro foi negativa. Embora o seu governo designe o Brasil como a maior potência ambiental do mundo (42% da sua energia é renovável) e tenha desmentido mitos como o da [crise de incêndios na Amazônia](#) (“Aceprensa”, 27.9.2019), não avançou medidas claras contra a deflorestação, ou programa de desenvolvimento sustentável.

Bolsonaro foi um golpe no costume de comprar o apoio do Parlamento distribuindo cargos de ministros aos líderes dos maiores partidos. Agora, passou de 30 para 22 ministérios, e nomeou pessoas com perfil técnico para cada área.

Bolsonaro e ministros apostam na comunicação direta com os cidadãos pelas redes sociais. Os anúncios do governo são feitos antes pelo Twitter e depois nos meios de informação. Todas as quintas-feiras à noite, o presidente via Facebook e no YouTube, presta informações sobre os factos da semana.

À “nova política” opõe-se um bloco de esquerda com socialistas e capitalistas do *bem-estar social*, antes rivais. Na sua frente há um bloco novo – com liberais na economia e conservadores nos costumes – assumindo a bandeira da direita.

O bloco de esquerda integra, em parte, a elite cultural do Brasil, formada por professores universitários, artistas e escritores influentes. Nele também entram estudantes e a população mais pobre da região nordeste do Brasil.

As [últimas sondagens](#) salientam que 58,6 % dos nordestinos consideram que o governo de Bolsonaro está a tornar o país pior, enquanto que nas outras regiões do Brasil (que integram 72 % da população total), 60 % acham que está a torná-lo melhor.

A. L.

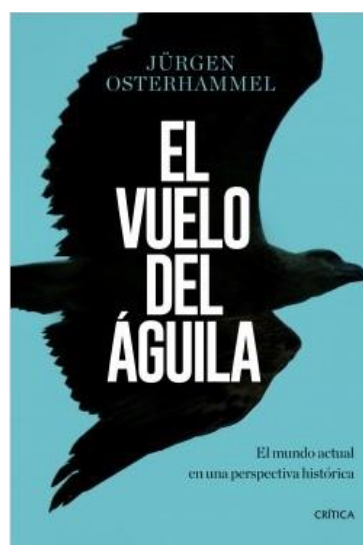
“El vuelo del águila”

“Die Flughöhe der Adler”

Autor: Jürgen Osterhammel
Crítica. Barcelona (2018)
336 págs.

Jürgen Osterhammel é um intelectual bem cotado nos círculos políticos e económicos alemães e os seus ensaios gozam de

ampla difusão. Este livro é uma recolha dos seus escritos, nos quais se encontram, entre outros temas, interessantes referências à globalização e aos seus precedentes históricos. Osterhammel surge como o historiador das globalizações, é um defensor da Europa unida e opõe-se aos defensores da soberania de muitos pequenos Estados. Estamos perante um livro, resumindo, erudito e agradável, que reflete sobre a história e as relações internacionais, mas também sobre o que nos pode trazer o futuro.



“Uma Vida Escondida”

“A Hidden Life”

Realizador: Terence Malick
Atores: August Diehl; Valerie Pachner
Duração: 175 min.
Ano: 2019

Franz Jägerstätter é um camponês austríaco, casado, com três filhas, vivendo com a família numa aldeia nos Alpes, perto da Alemanha. Tudo corre bem. As pequenas e simples coisas da vida são valorizadas. Como católico, ama a Deus e procura fazer o bem a todos os que estão ao seu alcance. Em 1939, é recrutado pelo exército nazi. Constata na primeira pessoa as barbaridades com que alguns membros do exército alemão tratam os adversários. Em 1940, há uma pausa na guerra e Franz regressa a casa. Depois de muito refletir, de pedir conselho e de hesitar, decide não voltar a alistar-se e não prestar juramento a Hitler. Vai seguir a sua consciência que o impede de colaborar com o mal, seja em que circunstância for. Quando é chamado de novo à tropa, recusa participar. É preso, torturado, julgado e condenado à morte. Mesmo na

cela, procura ajudar os seus companheiros e até o juiz nazi quer falar com ele a sós sobre o que é o bem... É decapitado, mas as dezenas de cartas trocadas com a mulher, a mãe e as filhas foram salvas e publicadas. Em 2007, foi declarado mártir e beatificado pela Igreja Católica.

O realizador Terence Malick leu as cartas e quis realizar este filme de forma poética. Através da música, das imagens e de invulgares movimentos de câmara, revela a intimidade da alma e o que vai por dentro do coração dos protagonistas. Ao longo de quase três horas, somos envolvidos numa atmosfera contemplativa sobre aquilo que é viver de acordo com a consciência, como é querer atuar bem, em liberdade, sem fazer só o que lhe ordenam ou o que todos fazem... Ele quis ser livre de marcar o seu destino e de reafirmar a bondade contra a maldade e desonestidade, tornando-se assim inspirador...

Tópicos de análise:

1. Ter a coragem de tomar a decisão correta, inspira os outros.
2. Nos pequenos gestos é que se nota a grandeza da personalidade.
3. Para se mudar o mundo, deve-se começar por si mesmo...

[Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE

